

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	19. OUT. 1974	COMÉRCIO DO PORTO
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA

O AMBIENTE DA "CIMEIRA"

Os jornalistas portugueses que acompanham a viagem do Presidente Costa Gomes aos Estados Unidos viveram hoje a experiência extraordinária — se bem que enervante — do difícil compromisso entre as exigências contraditórias da política, da segurança e da Informação. Com tacto inexcedível e a maior deferência, as autoridades do State Department permitiram aos repórteres que presenciassem tudo o que se passou, mantendo-os, entretanto, na periferia dos acontecimentos onde, escusado será dizer, menos estorvavam e nada podiam saber sobre o que estava a acontecer.

Contudo, a fascinação que exercem estas reuniões de alto nível é tão grande que nenhum jornalista, por mais que o mal empregadas as horas assim ocupadas.

O Presidente e o ministro dos Negócios Estrangeiros ficaram hospedados na Blair House, edifício situado em frente à Casa Branca, onde o State Department instala os seus hóspedes de honra. Ao meio-dia, o Chefe do Estado português chegou à Casa Branca, tendo-lhe sido prestada continência. Entretanto, os jornalistas foram recebidos na Secção de Imprensa, donde, após alguma demora, foram admitidos, por dois minutos apenas, no célebre Oval Office. Os dois presidentes estavam ali sentados, em cadeiras estofadas de amarelo.

Formando semicírculo, dois sofás, um ocupado pelo ministro Mário Soares e outro pelo secretário de Estado Kissinger. No meio de um silêncio perturbado pelo ininterrupto disparo de dezenas de câmaras fotográficas, os quatro estadistas trocaram algumas frases banais, com manifesto bom humor. Ford perguntou se havia ali jornalistas portugueses e Soares respondeu, apontando o nosso grupo. Estavam também presentes um intérprete, general Brent Scowcroft, assistente do presidente para questões de segurança nacional. Mas quando começámos a fazer conjecturas sobre o significado da presença deste último, um velho conhecido dos meandros da Casa Branca explicou-me que Scowcroft é na realidade, um dos colaboradores imediatos do Presidente e desempenha junto dele as mais diversas funções, pelo que seria inútil tentar tirar ilações da sua presença naquela reunião.

O histórico Salão Oval abre para o lado do já bem conhecido roseiral da Casa Branca. Foi-nos consentido aguardar no parque a saída de Costa Gomes, após uma conferência que durou cerca de cinquenta minutos. Ford e Kissinger vieram acompanhar o Chefe do Estado português ao automóvel, dele se despedindo afectuosamente, enquanto sentinelas, ao longo da área do parque, apresenta-

vam armas e soava um toque de clarins.

Da Casa Branca os jornalistas puderam, em seguida, dirigir-se para o Departamento de Estado, onde Kissinger oferecia um almoço em honra do Presidente português. Presenciamos e a chegada dos convidados portugueses.

Recebidos à entrada do edifício pelo secretário de Estado, enquanto noutra sala se tomavam aperitivos, pudemos subir à grande varanda para onde abre a sala de jantar. Esta acaba de ser redecorada e com tanto esmero que o trabalho levou cerca de um ano, o que, no ritmo veloz da vida americana, se afigura extraordinariamente demorado. A função principal que desempenha nesta parte do serviço do Departamento de Estado revelou-me que era esta a primeira vez que a sala ia ser utilizada, depois da transformação de que fora objecto.

Conforme depois nos confirmaram, foi um almoço de trabalho. A lista dos convivas incluía os nomes de Robert Ellsworth, secretário de Defesa adjunto, Roberto Ingersoll, secretário de Estado adjunto, Arthur Hartmar, secretário de Estado adjunto para Questões europeias, Julius Katz, secretário interino para Questões Económicas e Comerciais, Alan Lukens, director da secção ibérica do Departamento de Estado e Robert McCloskey, embaixador itinerante encarregado das negociações acerca da base dos Açores.

De tarde, estivemos na Blair House, onde o ministro Soares nos concedeu alguns momentos para satisfazer a nossa curiosidade sobre o que se passara nesta reunião cimeira luso-americana. Declarou-se muito satisfeito com o tom de extrema cordialidade em que tinham decorrido as conversações, acentuando que a de Ford com Costa Gomes fora de carácter muito privado. Realçou, sobretudo, o seu grande significado para o nosso país.

Durante o almoço — acrescentou — houve larga conversa, em que se desenvolveram alguns dos pontos abordados pelos dois Chefes de Estado. Como se calcula, a cooperação técnica e económica entre os dois países já prevista aquando da anterior viagem do ministro dos Estrangeiros, há um mês, ficou agora um pouco mais concretizada e vai entrar em discussão ao nível de peritos.

Mário Soares disse que a visita permitiu esclarecer algumas dúvidas e quando lhe perguntei se tais dúvidas eram recíprocas ou unilaterais, respondeu que dúvidas deste teor são quase sempre recíprocas, mas, no caso presente, resultavam sobretudo da interpretação deformante que parte da imprensa estrangeira dera aos acontecimentos de Setembro.

Do lado português foi exposto com plena clareza que nada se alterara, uma vez que o Programa do Movimento das Forças Armadas continuava a ser o mesmo.

De resto — observou Soares —, o facto de o Presidente Ford ter tornado extensivo ao Presidente Costa Gomes o convite que fizera ao seu antecessor para visitar os Estados Unidos, era demonstração eloquente de que o Governo Americano reconhecia a continuidade da situação política portuguesa.

O ministro disse ainda que a democracia só pode consolidar-se numa situação económica e socialmente estável. Portugal luta neste momento com dificuldades que são, em parte, herança do extinto regime e outras derivadas de uma conjuntura internacional desfavorável. Carece, pois, da ajuda dos seus aliados, que têm, naturalmente, todo o interesse em concorrer para a sua estabilidade social e política.

Respondendo a uma pergunta, Soares confirmou que o assunto da base dos Açores fora tratado durante as conversações e que para Portugal nunca esteve em causa a continuação daquela base. O que o Governo Português pretende é retirar dessa base alguma compensação, em benefício especial do povo açoreano.

O processo de descolonização — disse o ministro — foi também abordado. Alguns dos seus aspectos são do domínio público e só houve que reiterá-los directamente ao Governo Americano. Outros, porém, têm, por enquanto, carácter confidencial e foram apenas referidos aos nossos aliados para que estes saibam o que se projecta fazer.

A uma pergunta sobre se por parte dos Americanos houvera concordância com os planos portugueses, Mário Soares respondeu que o Governo de Washington não tinha de pronunciar-se sobre questão que é da exclusiva competência do nosso país. Acrescentou, porém, que o Governo Americano mostrou ter em alto apreço a forma como o Portugal democrático conseguiu, em cinco meses, resolver grandes dificuldades do seu problema colonial. Respondeu negativamente quando lhe foi perguntado se o problema de Cabo Verde fora especificamente mencionado nas conversações de hoje. O ministro Mário Soares partiu hoje para Lisboa a fim de estar presente à chegada de Willy Brandt. Costa Gomes visita amanhã, a título privado, o quartel-general do SACLANT, em Norfolk, onde durante algum tempo esteve destacado e contraiu grandes amizades.